

«Modos de Organização dos Agricultores na Europa»

1. Organizado pelo «Centre d'Etude de la Vie Politique Française Contemporaine», da «Fondation National des Sciences Politiques» (FNSP), e pelo «Centre de Sociologie Rurale de L'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales» (EHESS) — Unidades associadas ao «Centre National de Recherche Scientifique» (CNRS) —, realizou-se em Paris, nos dias 12, 13 e 14 de Dezembro de 1988 um Seminário sobre «Modes d'Organisation des Paysanneries en Europe».

Para além dos membros do «Groupe Européen sur les Modes d'Organisation des Paysanneries», investigadores de vários países (Bélgica, Brasil, Dinamarca, Espanha, Grã-Bretanha, Grécia, Itália, Holanda, Polónia, Portugal, Alemanha e França) que, a partir do Congresso Mundial de Sociologia Rural de Bolonha (Junho de 1988), se constituíram em *Network* sobre este tema, participaram ainda neste seminário outros investigadores do CNRS, entre os quais M. Jollivet.

Este grupo tinha já organizado uma reunião por ocasião daquele Congresso, no âmbito da Secção «Farmer's Organisations and State Policy».

2. A reunião de Paris teve como objectivo dar início a um programa de investigação sobre os Modos de Organização do Campesinato na Europa, testando «a possibilidade de desenvolver um ponto de vista europeu de análise, que não seja nem um ponto de vista nacional aplicado ao conjunto dos países nem a simples soma de pontos de vista nacionais».

A ideia de base foi partir dos trabalhos já desenvolvidos a nível nacional para uma abordagem comparativa do campesinato europeu e, em particular, das organizações agrícolas.

3. Os trabalhos iniciaram-se com uma mesa redonda coordenada por B. Hervieu da FNSP e R. M. Lagrave, da EHESS, que tiveram a seu cargo a organização científica desta reunião.

B. Hervieu fez a apresentação dos objectivos do *Network* e do projecto europeu e inventariou algumas preocupações de estudo, no sentido da definição de temas sobre os quais o grupo se deveria debruçar preferencialmente. Seguiu-se a discussão, a partir da apresentação de cada participante e dos trabalhos em curso em cada país.

R. M. Lagrave e R. Hubcher (investigador do CNRS) mostraram a importância dos estudos neste âmbito, através da apresentação da génese institucional e evolução das organizações profissionais agrícolas e do sindicalismo em França.

M. Jollivet salientou a importância desta primeira reunião e do projecto comum emergente que, na sua perspectiva, deveria originar um «pensamento comum no seio da Europa» e fazer «aparecer a Europa que dialoga».

4. O segundo dia dos trabalhos foi dedicado a conferências de antigos dirigentes de organizações agrícolas: Michel Debattise, antigo presidente da Juventude Agrária Católica (JAC), do Centro Nacional de Jovens Agricultores (CNJA) e da Federação Nacional dos Sindicatos de Empresários Agrícolas (FNSEA), ex-Secretário de Estado das Indústrias Agrícolas e Agro-Alimentares e, actualmente, Deputado Europeu e Raymond Mireau, co-fundador e Presidente do Movimento de Defesa das Explorações Familiares (MODEF) e membro do Conselho Económico e Social da CEE.

5. Na última sessão de trabalho, Eduardo Moyano abordou o tema «Problemas teóricos e metodológicos da análise comparativa» para introduzir a discussão sobre a programação dos trabalhos a realizar a nível nacional. Na abordagem que fez da

realidade espanhola, referiu alguns aspectos a ter em conta na análise da relação entre as organizações profissionais agrícolas e o Estado. Por nos parecerem de interesse geral, citamos os seguintes:

— O modo de organização dos agricultores tem que ver com o tipo de intervenção do estado na agricultura;

— A relação entre o poder político e as associações traduz-se, na prática, na aplicação das medidas de política agrícola;

344

— Está a instituir-se uma prática de cogestão social na agricultura entre o poder político e as associações;

— O Estado define quais são os interlocutores mais adequados. Cabe-lhe um papel director e não apenas de árbitro;

— O Estado assume um papel director no desenvolvimento das organizações profissionais agrícolas.

6. Seleccionou-se como tema para o próximo seminário, a realizar em Atenas em Maio de 1989, a questão da «Unidade e Pluralismo no Movimento Sindical e Profissional Agrícola». ■

Maria Adosinda Henriques

Trabalho inovador em Medicina Familiar

Realizou-se de 16 a 18 de Março em Montechoro o 6.º Encontro Nacional da Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral, que teve como tema «Medicina de Família, um mundo vivo». O programa incluía um conjunto muito variado de temas, desde os que se ligam aos aspectos institucionais da carreira e sua relação com os sistemas de saúde, até aos de natureza mais formativa abrangendo algumas questões tradicionalmente ignoradas pela ciência médica, como por exemplo a das relações entre o médico e a comunidade ou entre o médico e a família, a da avaliação da qualidade da acção médica, a da acessibilidade dos cuidados ou a do sentido de uma medicina psicossomática.

A razão destas notas reside, porém, no interesse em dar a conhecer os resultados de um recenseamento sobre experiências de trabalho inovador em medicina familiar que foram apresentados neste encontro. A ideia surgiu numa altura em que a car-

reira, volvidos sete anos sobre a sua criação, luta com extraordinárias dificuldades para se impôr, devido não só à falta de tradição de uma medicina familiar de qualidade em Portugal, como também às medidas restritivas que o sector da saúde tem enfrentado nos últimos anos. Lutando com enormes dificuldades e trabalhando muitas vezes isoladamente e sem qualquer estímulo material, foi possível a alguns profissionais ir além da rotina das consultas e estabelecer uma prática inovadora e criativa para melhorar a qualidade da sua acção médica. O recenseamento permitiu avaliar a importância dessas práticas e as condições que as tornaram possíveis e espera-se que os grupos constituídos após a sua apresentação pública venham a contribuir para uma multiplicação das experiências bem sucedidas.

Referimos de seguida e muito abreviadamente algumas das áreas e dos conteúdos do trabalho inovador apresentado no Encontro. Um primeiro conjunto de acções dirige-se a grupos da população com maior incidência de risco e consiste em adoptar formas de relacionamento que favoreçam a participação das pessoas e a adopção de procedimentos que tenham sido objecto de negociação. Relativamente a um conjunto de situações que não têm uma solução estritamente clínica e, em particular, as que exigem um grande esforço de informação e acompanhamento (doença terminal, doença crónica, doença mental), a novidade da intervenção consistiu em o médico ter conseguido estabelecer com outros profissionais uma rotina de trabalho em equipa. Um outro campo relativamente inovador é a participação do médico em acções de animação fora do local da consulta ou na preparação de vídeos, exposições, visitas ou sessões em que temas de saúde sejam discutidos com a população em geral ou com grupos restritos. É muito diversificado o leque de iniciativas que foram relatadas neste domínio e inclui, entre outros, debates públicos sobre o plano concelhio de saúde, a organização de programas de férias para a preparação de agentes comunitários em grupos populacionais de risco, sessões em locais de trabalho com especiais condições de risco para a saúde, etc. Um quarto domínio de trabalho inovador diz respeito ao levantamento e estudo das condições de vida da população da área do Centro ou extensão de saúde e à cooperação com outras instituições igualmente interessadas na elevação dos níveis de vida. Nalguns casos procura-